

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA EAD**

ELISANDRA TROMBINI

**ESCRITA TERAPÊUTICA COMO FERRAMENTA PARA ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Tramandaí -RS
2022

ELISANDRA TROMBINI

**ESCRITA TERAPÊUTICA COMO FERRAMENTA PARA ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de conclusão de curso como requisito
para obtenção de título de graduação em
Pedagogia EaD pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul - Campus Litoral Norte.

Nome do orientador: Ana Cláudia Ferreira
Godinho

Tramandaí - RS

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Trombini, Elisandra
ESCRITA TERAPÊUTICA COMO FERRAMENTA PARA
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS / Elisandra Trombini. -- 2022.
53 f.
Orientadora: Ana Cláudia Ferreira Godinho.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Pedagogia, Tramandaí,
BR-RS, 2022.

1. Alfabetização e letramento. 2. Educação de
jovens e adultos. 3. Escrita terapêutica. I. Ferreira
Godinho, Ana Cláudia, orient. II. Título.

ELISANDRA TROMBINI

**ESCRITA TERAPÊUTICA COMO FERRAMENTA PARA ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de conclusão de curso como requisito
para obtenção de título de graduação em
Pedagogia EaD pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul - Campus Litoral Norte.

Nome do orientador: Ana Cláudia Ferreira
Godinho

Data de aprovação: 03/10/2022

Banca examinadora

Prof. Elisete Enir Bernardi Garcia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Sistema Universidade Aberta do Brasil pela oportunidade de cursar uma graduação na modalidade de Ensino à Distância e adentrar ainda mais nas possibilidades virtuais de ensino.

Agradeço à minha professora orientadora pela sua disponibilidade e tranquilidade, muito necessárias nos momentos de incertezas e dificuldades.

Às minhas colegas Daiane e Carla por terem oferecido a proximidade e companheirismo necessários para enfrentar uma graduação à distância. Pela parceria nas viagens até o polo de Serafina Corrêa e por me fazerem rir mesmo nas situações mais estressantes.

Aos meus amores, por me apoiarem apesar do afastamento nos momentos de final de semestre e final de curso; por me darem um norte, quando perdia o meu em meio às tarefas da faculdade; por me ouvirem e me darem 'forza e coraggio' para continuar.

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que busca trazer para a sala de aula os conhecimentos prévios dos alunos, respeitando suas vivências e buscando ampliar esse repertório para que possam lidar com as demandas do meio em que vivem. Existe, portanto, uma necessidade de desenvolver ou aprimorar as intervenções pedagógicas para esse público. A escrita terapêutica é uma estratégia utilizada na área da saúde, que trabalha a expressão emocional por meio do ato de escrever, e essa intervenção mostra inúmeros benefícios para a saúde física e mental dos indivíduos que a utilizam. O objetivo deste estudo foi analisar as possibilidades de uso da escrita terapêutica em práticas escolares voltadas à Educação de Jovens e Adultos. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica buscando dados sobre as formas de uso da escrita terapêutica na área da saúde e seus resultados; além de dados sobre intervenções pedagógicas na escrita na EJA. Os dados coletados foram descritos e a análise mostrou os pontos de convergência entre a ferramenta da área de saúde e as metodologias da EJA, e algumas contribuições específicas da escrita terapêutica diante das demandas de alfabetização e letramento na EJA. O reconhecimento das formas e contextos de uso da escrita terapêutica permitiu responder positivamente ao questionamento que suscitou a pesquisa: a escrita terapêutica pode sim ser utilizada como uma intervenção pedagógica na EJA.

Palavras-chave: Alfabetização e letramento. Educação de jovens e adultos. Escrita terapêutica

ABSTRACT

Youth and Adult Education (EJA) is a teaching modality that seeks to bring into the classroom the students' previous knowledge, respecting their experiences and aiming to expand this repertoire so that they can deal with the demands of the environment in which they live. There is, therefore, a need to develop or improve pedagogical interventions for this public. Therapeutic writing is a strategy used in the health area, which works on emotional expression through the act of writing, and this intervention shows countless benefits for the physical and mental health of the individuals who use it. The objective of this study was to analyze the possibilities of using therapeutic writing in school practices focused on Youth and Adult Education. For this, a bibliographic research was carried out, searching for data on the forms of use of therapeutic writing in the health area and its results; as well as data on pedagogical interventions in writing in EJA. The data collected was described and the analysis showed the points of convergence between the health tool and the EJA methodologies, and some specific contributions of therapeutic writing in the face of literacy and literacy demands in EJA. The recognition of the forms and contexts of use of therapeutic writing allowed us to respond positively to the question that gave rise to this research: therapeutic writing can indeed be used as a pedagogical intervention in EJA.

Keywords: Literacy. Youth and adult education. Therapeutic writing

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. OBJETIVOS.....	11
2.1 Objetivo Geral.....	11
2.2 Objetivos Específicos	11
3. JUSTIFICATIVA.....	12
4. REVISÃO DA LITERATURA	13
4.1 Escrita terapêutica	13
4.2 Educação de Jovens e Adultos.....	14
4.3 Alfabetização e letramento	15
5. METODOLOGIA	17
6. ESCRITA TERAPÊUTICA: RESULTADOS NA ÁREA DA SAÚDE	18
7. METODOLOGIAS NA EJA: FERRAMENTAS DE ESCRITA.....	27
8. ANÁLISE DOS DADOS	38
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
10. BIBLIOGRAFIA	49

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) se destina àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria (BRASIL, 2021, p.3) e o trabalho educativo com o público da EJA requer ferramentas pedagógicas diferenciadas, que visem abranger os conteúdos necessários sem esquecer de trabalhar em prol da emancipação dos sujeitos.

A Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), em seu artigo 37, destaca que as oportunidades educacionais precisam ser apropriadas para seu público, ou seja, devem respeitar os contextos de vida e os interesses dos educandos. Desta forma,

A educação autêntica, repetamos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. (FREIRE, 1987, p.53)

Os alunos, com suas experiências e visões de mundo, necessitam de um espaço para expor suas trajetórias de vida e refletir sobre suas vivências. Silva (2009) ressalta a importância da sala de aula ser, de certa forma, terapêutica, de auxiliar os alunos como questões para além dos conteúdos, pois os estudantes da EJA se tornaram “mais receptivos aos processos de aprendizagem, ao proporcionar tempo e espaço para a fala e escuta terapêuticas” (SILVA, 2009, p. 38).

Sendo assim, faz-se necessário pensar e repensar as metodologias de ensino, para que atendam as necessidades dos alunos da EJA, respondam às demandas das diretrizes educacionais e da sociedade em que vivemos; e levem em consideração a trajetória dos sujeitos.

Uma estratégia utilizada na área da saúde, que se destina a promover a expressão emocional, é chamada de escrita terapêutica, e tem por objetivo auxiliar os indivíduos a darem “sentido às suas experiências, identificando eventuais obstáculos, dificuldades e formas de resolver conflitos.” (FIGUEIRAS; MARCELINO, 2008, p.328), o que leva a melhorias no estado de saúde.

Essa ferramenta trabalha com a transposição do pensamento em escrita, ou seja, estimula que, por meio do exercício de escrever, os sujeitos trabalhem sua forma de lidar com as situações experienciadas ao longo de sua trajetória de vida.

Pensando nisso, surge o questionamento propulsor desta pesquisa: A escrita terapêutica poderia ser utilizada como uma intervenção pedagógica nas práticas de alfabetização e letramento na EJA?

A pesquisa de caráter exploratório realizou um levantamento de informações através da pesquisa bibliográfica, coletando aspectos referentes aos resultados do uso da escrita terapêutica na área da saúde e informações sobre intervenções pedagógicas com alunos da EJA.

Os dados levantados foram analisados e descritos visando identificar as intersecções entre o uso da escrita terapêutica e as metodologias de alfabetização e/ou letramento na EJA, apontando as potencialidades e as limitações desta prática de escrita dentro do contexto escolar.

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso visa também, formar uma base teórica diferenciada para a realização do estágio obrigatório na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, o que pode levar a melhoria das propostas pedagógicas utilizadas na prática.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar as possibilidades de uso da escrita terapêutica em práticas escolares voltadas à Educação de Jovens a Adultos

2.2 Objetivos específicos

Reconhecer as formas de uso de escrita terapêutica;

Identificar os contextos de uso da escrita terapêutica na área da saúde;

Conhecer as estratégias de escrita terapêutica utilizadas;

Apresentar os resultados de estudos da área da saúde que podem contribuir na Educação de Jovens e Adultos.

3 JUSTIFICATIVA

O ensino na Educação de Jovens e Adultos requer abordagens diferenciadas para garantir que os alunos se sintam parte do processo educativo, além disso, se partirmos da perspectiva freiriana de educação “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1987, p. 38).

Deste ponto de vista é importante encontrar ou desenvolver ferramentas de trabalho pedagógico que olhem para as vivências dos alunos da EJA, sendo assim, a pesquisa sobre o uso da escrita terapêutica como prática de alfabetização e letramento pode trazer uma nova possibilidade para se trabalhar as leituras de mundo e associá-las às necessidades e exigências do ensino formal. Além de valorizar os espaços e ferramentas não escolares que fazem uso da linguagem escrita.

Através de uma busca inicial sobre o tema da escrita terapêutica foram encontrados alguns artigos científicos que falam, principalmente sobre o potencial da escrita na área da saúde, mas poucos são os dados sobre seu uso na área da educação, sendo uma possibilidade para estudo.

4 REVISÃO DA LITERATURA

4.1 Escrita terapêutica

A escrita é muito utilizada na área da saúde, principalmente no que diz respeito às questões de saúde mental, mas não existe uma nomenclatura unânime entre os pesquisadores, alguns autores trazem o termo ‘escrita terapêutica’ (FIGUEIRAS; MARCELINO, 2008) ou ‘com função terapêutica’ (TFOUNI *et al.*, 2008), outros utilizam o termo ‘escrita expressiva’ (COLLODEL BENETTI; FERREIRA DE OLIVEIRA, 2016), ou outras nomenclaturas similares.

No entanto, mesmo com essas diferenças, a escrita na área da saúde é reconhecida como um método para “colocar em palavras escritas uma experiência marcante” (FIGUEIRAS; MARCELINO, 2008, p.327), ou seja, para promover a expressão emocional, visando auxiliar os indivíduos a processar e compreender o que sentem, levando a melhorias no estado de saúde.

Esta ferramenta utiliza o “processo de transformar os sentimentos em linguagem escrita” (FIGUEIRAS; MARCELINO, 2008, p.328) onde os “indivíduos escrevem de forma que lhes permita dar sentido às suas experiências, identificando eventuais obstáculos, dificuldades e formas de resolver conflitos” (FIGUEIRAS; MARCELINO, 2008, p.328).

Os estudos realizados na área da saúde apontam inúmeros benefícios nos

componentes orgânicos ligados ao estresse, mudanças cognitivas através do treino da escrita e também mudanças emocionais, visto que a expressão de temas complexos e traumáticos ao longo do tempo permitia a resignificação do vivido pelos sujeitos envolvidos. (LIMA; FORTIM, 2015, p.777)

A palavra escrita, ressaltam Tfouni e colaboradores (2008, p. 106), “em sua materialidade linguística, pode agir no resgate da subjetividade”. Também pode favorecer o autoconhecimento, e “influenciar na aceitação de realidades do passado, nas decisões no presente e na elaboração de objetivos para ajustar o caminho para o futuro” (COLLODEL BENETTI; FERREIRA DE OLIVEIRA, 2016, p. 75). Além disso, “o indivíduo que conhece a si mesmo relaciona-se dentro de padrões mais elevados de convivência, obtendo maior compreensão e aceitação da expressão do outro.” (SILVA, 2009, p.19).

Um estudo de caso realizado por GROHS (2009) analisou o uso do texto narrativo como forma de intervenção terapêutica em um adolescente com problemas na linguagem

escrita, utilizou sua história de vida e suas preferências como norteadores da escrita e demonstrou que “textos narrativos em contexto psicoterápico constitui-se como um instrumento eficaz de intervenção no sintoma da não-aprendizagem” (GROHS, 2009, p. 134).

Cabe destacar que o uso da ‘escrita terapêutica’ pode ser diferenciado da escrita não terapêutica por estar mais voltado ao ponto de vista discursivo, ou seja, estar mais atento aos aspectos subjetivos (história de vida) e por não ser rigidamente guiado pelos códigos escritos em nível de escolarização, além de colocar os sujeitos como autores do discurso (TFOUNI *et al.*, 2008) e não apenas como escritores de textos.

4.2 Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que recebe alunos com idade mínima de ingresso de 15 anos (EJA Ensino Fundamental) e 18 anos (EJA Ensino Médio). Ela se destina “àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 2021, p.3).

Os sujeitos da EJA chegam ou retornam ao espaço escolar com memórias e histórias próprias, que precisam ser ditas e ouvidas para que possam fazer parte de um ensino mais significativo. A retomada do percurso escolar não é uma escolha fácil, pois está permeada de estigmas, desta forma

O ambiente escolar, no qual o conhecimento é tecido, impregnado de pluralidades subjetivas e diferenças, enriquece-se no exercício dialógico constante quando as escutas consideram as demandas e as necessidades dos estudantes e, podem ser negociadas, gerando diálogos que orientem a elaboração de planejamentos que assumam esses aspectos no processo de novos conhecimentos e de novas formas de aprender e ensinar. (POUBELL; SOUZA, 2022, p.155)

O exercício dialógico é preconizado também por Garcia (2021) que ressalta ser esse um dos grandes desafios da EJA, pois o acesso ao ensino é garantido por legislação, mas o reconhecimento dos sujeitos em sua integridade ainda é deficitário.

garantir o lugar das diferentes vozes, pensamentos e sentimentos por parte dos estudantes da EJA nas salas de aula e fora dela, nos diferentes espaços escolares desponta como real potencialidade de uma formação sólida e integralizadora da pessoa humana (POUBELL; SOUZA, 2022, p.159)

Para garantir que os sujeitos da EJA tenham voz é preciso repensar a forma de estruturar os currículos escolares, pois não haverá espaço para diálogo sem mudanças nas práticas educativas. Desta forma é preciso, como ressalta Garcia (2021), promover espaços de participação e de convívio, onde os estudantes possam falar de si, de seus interesses, de seus anseios, de suas trajetórias, de seus sentimentos e expectativas.

Neste sentido, a proposta da escrita terapêutica pode auxiliar a expor e refletir sobre essas vivências e emoções experienciadas, além de promover o reconhecimento das necessidades por parte dos estudantes. Ou seja, seria uma ferramenta de ensino de escrita e leitura com foco no aluno, capaz de promover o compartilhamento de saberes e de ser um propulsor para o diálogo.

4.3 Alfabetização e letramento

Pensando que os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos foram impedidos, por diferentes situações e contextos, de frequentar a escola no período considerado adequado, podemos supor que são sujeitos que carregam histórias de vida complexas, podendo ser benéfico utilizar-se da escrita terapêutica para trabalhar as questões individuais concomitantemente ao desenvolvimento do processo de escrita e leitura preconizados pela escolarização.

A alfabetização e o letramento são complementares na formação dos estudantes, pois não basta que o sujeito receba uma iniciação no uso do sistema ortográfico, para ter sucesso no inclusão no mundo letrado é necessário que tenham domínio da leitura e da escrita e para isso faz-se necessário trabalhar com o letramento, pois

é o que as pessoas fazem com as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita, em determinado contexto, e é a relação estabelecida entre essas habilidades e conhecimentos e as necessidades, valores e as práticas sociais [...] um conjunto de práticas sociais associadas com a leitura e a escrita, efetivamente exercidas pelas pessoas em um contexto social específico. (SOARES, 2011, p. 33, apud ANDRADE; DE ASSIS, 2020, p. 146)

O que se percebe, muitas vezes, é que o texto dentro do espaço escolar é apenas um produto que “tem o objetivo de servir apenas como exercício escolar, cuja finalidade (...) é a correção da gramática (...) Em geral, a redação está desvinculada de qualquer

necessidade real de interação” (OLIVEIRA, 2018, p. 30), esse tipo de proposta de escrita dificilmente resulta em aprendizagens significativas e acaba diminuindo o interesse dos alunos pela área da linguagem.

Neste sentido, a instituição escolar precisa oferecer aos alunos práticas educativas “utilizando as dimensões da linguagem que dominam e auxiliando-os na apropriação de outras capazes de fazer ecoar suas vozes, seus corpos e suas mentes” (POUBELL; SOUZA, 2022, p.159).

5 METODOLOGIA

Foi realizado um estudo exploratório com uso da pesquisa bibliográfica, foram analisados artigos, teses e dissertações da área científica que tratam das temáticas definidas para estudo (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009), sendo todos publicados em português.

A busca dos artigos foi realizada nos meses de maio a julho de 2022 na base de dados do Google Acadêmico e nos anais das últimas 5 reuniões científicas nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

Para a busca da bibliografia foram utilizados os descritores ‘escrita terapêutica’ com a frase exata em qualquer parte do texto, sem restrição de ano de publicação; e ‘escrita e educação de jovens e adultos’ com todas as palavras no título do artigo, no período de 2018 a 2022, resultando em 157 e 42 referências, respectivamente. A seleção foi realizada por meio da leitura dos títulos e resumos, e aqueles que tiveram melhor correspondência com os objetivos da pesquisa, foram lidos integralmente.

Os resultados foram divididos em duas categorias: escrita terapêutica - apontando os resultados de seu uso na área da saúde; e metodologias na EJA - enfocando as ferramentas de escrita utilizadas nesta modalidade de ensino.

A análise dos dados buscou “explorar as ligações existentes entre os vários itens, tentando estabelecer relações e associações” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 13) de forma a produzir algumas reflexões sobre o uso da Escrita Terapêutica como possibilidade para as práticas escolares voltadas à Educação de Jovens e Adultos .

6 ESCRITA TERAPÊUTICA: RESULTADOS NA ÁREA DA SAÚDE

A escrita é bastante utilizada na área da saúde devido ao seu potencial de mobilização das questões internas dos sujeitos promovendo a melhoria dos estados de saúde mental, emocional e física dos indivíduos.

Essa escrita voltada à experiência vivida, às sensações e sentimentos experimentados em diferentes situações é, muitas vezes, chamada de escrita terapêutica. E seu enfoque terapêutico se deve à possibilidade de fazer com que o sujeito se enxergue como tal e que ressignifique os acontecimentos que provocam desconforto psíquico, além disso, pode-se dizer que, por não estar presa a “habilidades literárias, nem a preocupações com a ortografia, a gramática ou a estrutura léxica” (COLLODEL BENETTI; FERREIRA DE OLIVEIRA, 2016, p.73), ela se diferencia de outras formas de escrita.

Inicialmente trago dois artigos que realizaram intervenções utilizando a escrita com adolescentes em situação de acolhimento institucional.

O estudo de Bartho e Uyeno (2015), dentro da área da psicologia, foi realizado com adolescentes, entre 10 e 18 anos, abrigados em uma instituição de acolhimento em São Paulo. Estes adolescentes possuíam histórias de vida relacionadas ao abandono e à violência e, apresentavam dificuldade de vinculação, desobediência à regras e desânimo diante da situação de vida, o que refletia em comportamentos agressivos e dificuldades de aprendizagem.

Bartho e Uyeno (2015) propuseram a construção de diários pessoais de forma a trabalhar com a linguagem e o pensamento. Num primeiro momento realizaram atividade de leitura e discussão do livro ‘O diário de Zlata de FILIPOVIC (2011)’ e depois, baseado no livro, sugeriram a criação de diários pessoais sem regras para sua construção. Os pesquisadores perceberam que houve uma resistência inicial com relação à escrita, mas que, com o passar do tempo, houve maior envolvimento dos adolescentes.

No estudo destacaram trechos de um dos diários e apontaram que o indivíduo “pode ter encontrado na escrita do diário um meio de simbolizar, de trabalhar com um resto que lhe fazia sofrer” (BARTHO; UYENO, 2015, p.56) e que a escrita mostrou-se uma forma de lidar com angústias e por isso “parece ter tido uma função terapêutica”.

No entanto, descrevem que essa função terapêutica da escrita “contou com contribuições de manejos psicanalíticos praticados pelas pesquisadoras ao longo da

pesquisa” (BARTHO; UYENO, 2015, p.60) ressaltando a importância de um processo de mediação dessa escrita.

O outro estudo, realizado por Grohs (2009), desenvolveu atividades de produções escritas e orais de músicas e raps com um adolescente de 13 anos, acolhido em uma instituição em Porto Alegre, e que apresentava dificuldades de alfabetização mesmo após intervenções psicopedagógicas.

Na intervenção a pesquisadora se colocou no papel de transcritora das produções orais do aluno e, segundo ela, o “texto narrativo, ao ser construído de forma compartilhada entre um paciente-narrador e uma terapeuta transcritora, produziria o reposicionamento do sujeito em relação ao seu próprio sofrimento psicológico” (GROHS, 2009, p.102).

Para fomentar as produções de linguagem foram utilizados “material gráfico, livros, gibis, e mais alguns outros que foram incorporados na sequência, como por exemplo, um baralho, por solicitação do próprio paciente” (GROHS, 2009, p.47) e estratégias de jogar, contar, registrar, cantar e entrevistar. Além disso, todas as elaborações do paciente eram utilizadas como material para novas intervenções.

A intervenção realizada com o adolescente durante o período do estudo mostrou-se eficaz em promover “uma maior produtividade escolar, comprovada por sua passagem de ciclo na escola, sua maior autonomia em buscar ler, escrever e compreender o significado das suas composições musicais” (GROHS, 2009, p.134).

A autora refere que, ao contar sobre si mesmo, o indivíduo abre espaço para o aparecimento de um sujeito e traz uma reflexão do trabalho de De Conti, que a transformação do sujeito ocorre quando ele passa da posição “daquele que conta para aquele que assume a autoria sobre os fatos contados “ (GROHS, 2009, p.116), pois isso permite um distanciamento do fato vivido e uma reconhecimento do papel do ‘eu’.

Seguindo com os achados na área da saúde, trago cinco estudos realizados com adultos em diferentes contextos, tendo em comum o uso da ferramenta de escrita.

A pesquisa de Bialer (2015) descreveu o uso da escrita como forma de vínculo social e de organização do pensamento de Birger Sellin, autista alemão, que utilizou a escrita autobiográfica e troca de cartas com leitores como forma de romper as barreiras impostas pelo autismo.

A pesquisadora descreve que, “com a evolução da sua escrita, esta se torna uma maneira de falar de si que se desdobra em uma possibilidade de, ao se falar, poder organizar pensamentos e sentimentos que até então ficavam perdidos no caos” (BIALER, 2015, p.223). Além disso, por ficarem registrados no papel, esses pensamentos e sentimentos podiam ser revisitados.

A análise da escrita de Birger mostrou a possibilidade de, no processo de escrever, deixar fluir os pensamentos e encontrar palavras para poder se expressar. Também ressaltou que a “escrita surge como a via de construção de um lugar social e de pertencimento à pátria humana” (BIALER, 2015, p.224).

Lima e Fortim (2015) trataram de um tema pouco falado na área da saúde, o luto materno de natimortos. Da mesma forma que Bialer (2015) não realizaram uma intervenção e sim uma análise de escrita dessas mães que perderam seus filhos. Para esta análise utilizaram textos de três mães publicados em blogs pessoais.

Os pesquisadores sugerem que “o ato de escrever pode não ser unicamente suficiente para suprir as necessidades dessas mães. Porém, esse recurso mostra-se valioso nos momentos em que não existe quem dê suporte” (LIMA; FORTIM, 2015, p.783). E a validade da ferramenta de escrita pode ocorrer devido a uma ressignificação da situação traumática, que, aos poucos, se transforma em algo novo, reelaborado.

Neste caso específico, de escrita em blog, é possível pensar que a exposição da escrita pode ser um meio de buscar apoio social. Um outro achado interessante diz respeito a uma das mães pesquisadas, onde sua escrita “baseia-se menos em reviver o episódio traumático e mais em prestar auxílio a outras mães” (LIMA; FORTIM, 2015, p.780), ou seja, o existe um direcionamento do texto escrito, um foco, é uma exposição com um intuito claro.

Em sua análise teórica Lima e Fortim (2015) trazem a contribuição de Passalacqua (2007), que resalta o caráter reflexivo da escrita devido a possibilidade de rever e reler o que ficou registrado, ressignificando as situações vividas.

A escrita no estudo de Tfouni e colaboradores (2008) teve enfoque na alfabetização de 18 adultos de um hospital psiquiátrico de São Paulo, durante três meses, com três encontros semanais de uma hora e meia de duração, utilizando-se do conceito de letramento.

Visto as dificuldades motoras e cognitivas apresentadas pelo público estudado, os pesquisadores realizaram diversas formas de intervenção com intuito de promover o aprendizado e, principalmente, de resgatar as subjetividades. Sempre “utilizando portadores de texto que fizessem sentido dentro do pano de fundo de suas experiências subjetivas” (TFOUNI *et al.*, 2008, p.102) - como crachás, bilhetes, caderno, entre outros.

Destaco que era priorizada a escrita em seu ponto de vista discursivo e não normativo, ou seja, com maior valorização de suas histórias de vida e com intuito de “ocupar uma posição discursiva que se diferenciasse da ocupada por eles, enquanto pacientes, dentro de uma instituição psiquiátrica” (TFOUNI *et al.*, 2008, p.108).

As atividades de escrita do próprio nome, elaboração de crachás para identificação, o uso de cadernos para colocar por escrito questões particulares de cada um, foram formas de iniciar o processo de alfabetização e de mostrar o “caráter de interação social da escrita” (TFOUNI *et al.*, 2008, p. 109).

Da mesma forma que em outros estudos, os pesquisadores trabalharam com escrita em grupo e se colocaram como “centro de organização do texto, transpondo para o código escrito aquilo que era construído oralmente pelos participantes do grupo” (TFOUNI *et al.*, 2008, p. 105). Todas essas produções eram fixadas no ambiente utilizado e eram tomadas como ponto de partida no encontro seguinte.

Tfouni e colaboradores (2008, p.106) consideraram que, “a palavra escrita, em sua materialidade lingüística, pode agir no resgate da subjetividade” e que “para ser possível falar de conflitos, traumas e experiências desagradáveis, é necessário muitas vezes que o sujeito se desloque para uma outra posição discursiva” (TFOUNI *et al.*, 2008, p.107).

Portanto, a terapêutica associada à escrita se daria por essas duas vias, a primeira pela ocupação de lugares discursivos novos, onde há “um desligamento do passado e uma reparação, no presente (através do discurso e da organização da escrita), das memórias e recordações que causam sofrimento” (TFOUNI *et al.*, 2008, p.107). E a segunda, ligada à primeira, onde há a emergência da subjetividade destes indivíduos.

O olhar de Oliveira e colaboradores (2019) foi direcionado para os pacientes em tratamento para farmacodependência de um Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas. Da mesma forma que Lima e Fortim (2015) e Bialer (2015), a pesquisa realizou análise de material escrito e não uma intervenção diretamente com o público alvo.

Os pesquisadores utilizaram-se de uma metodologia de “bricolagem da realidade dos sujeitos” (OLIVEIRA, *et al.*, 2019, p.311), ou seja, coletaram palavras e frases escritas nas paredes da instituição, que foram escritas de maneira espontânea de forma anônima e, após essa coleta buscaram fazer uma costura dos elementos.

Segundo eles, o material escrito era uma forma que os indivíduos encontraram para “de alguma forma externalizar seus sentimentos e pensamentos”(OLIVEIRA, *et al.*, 2019, p.312) e com isso aliviar suas angústias, sendo portanto, uma escrita com poder reparador e uma forma de elaboração dos conflitos.

Ainda no campo da dependência química, o estudo de Nascimento (2021) trabalhou com a escrita em uma oficina de jornal, realizada por meio de encontros semanais de duas horas dentro de um Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas de São Paulo.

O tema mobilizador da escrita era a pergunta “Qual a marca que você quer deixar nesse jornal?” (NASCIMENTO, 2021, p.7), a partir disso os participantes eram convidados a escrever seus textos ao longo da semana e no dia do encontro da oficina os textos eram lidos e discutidos no coletivo. “A cada dois meses os textos eram digitados e impressos, inicialmente pelos coordenadores, e alguns exemplares eram expostos em murais da instituição” (NASCIMENTO, 2021, p.8).

A realização da oficina mostrou que

a convocação para a escrita em grupo pode ser mobilizadora tanto dos elementos sensório-motores ligados a experiência de tradução de pensamento em escrita, quanto dos elementos psíquicos ligados à própria tarefa de escrever e à relação com a linguagem enquanto instituição cultural (NASCIMENTO, 2021, p.5)

Desta forma, Nascimento (2021, p. 6) coloca que, proporcionar espaços de escrita para sujeitos adictos, teria um potencial para trabalhar o “mundo representacional interno que lhes permitiria qualificar seus estados afetivos”, e este trabalho de elaboração simbólica poderia diminuir a necessidade do extravasamento por meio do uso de drogas.

Diferente dos estudos apresentados até agora, as duas pesquisas descritas a seguir tiveram a escrita sendo utilizada para trabalhar questões inerentes ou decorrentes da atuação profissional.

Marcelino e Figueiras (2012) realizaram uma pesquisa com 44 Bombeiros de Portugal Continental, com idade entre 20 e os 56 anos e média de 14 anos de serviço.

No estudo longitudinal foram realizadas três questionários de autopreenchimento e, entre a 2º e a 3º avaliação sugeriram com intervenção o uso da escrita terapêutica durante 3 dias, ao longo de uma semana, sendo os períodos de escrita diária de 15 minutos.

Os pesquisadores não tiveram contato direto com os bombeiros, a intermediação se deu com o comando destes profissionais, desta forma, os questionários, os diários para realização da escrita terapêutica e outras informações sobre a pesquisa foram enviados e a corporação distribuiu entre os bombeiros e após recolheu os materiais.

Eles perceberam que a maioria dos bombeiros já havia passado por situações de trauma no trabalho e que, após o uso da técnica de escrita, os sintomas associados foram atenuados. Os dados coletados por meio de questionários puderam ser analisados estatisticamente mostrando resultados realmente significativos. Cabe destacar que neste estudo os diários não foram analisados, ou seja, não houve análise qualitativa da escrita.

Palombini e colaboradores (2010) trabalharam com a produção de narrativas escritas sobre as experiências dos profissionais atuantes em residenciais terapêuticos. Para a pesquisa, propuseram uma oficina de escrita coletiva com encontros quinzenais, como forma de acolhimento da demanda dos profissionais.

A oficina de escrita não exigia um grau elevado de instrução e letramento já que o enfoque estava na inspiração e experiência trazidas ao coletivo, e na construção coletiva do texto pois

A cada encontro, é trabalhado o texto previamente escrito por um dos participantes, por meio de leitura coletiva, comentários, correções e sugestões. Cada um dos presentes recebe uma cópia do texto e lê em voz alta um pequeno trecho, passando a palavra ao colega ao seu lado, até completar uma primeira leitura integral do texto. Comentam-se, então, as impressões gerais, antes de passar ao trabalho de revisão linha por linha, parágrafo por parágrafo, a começar pelo título. (PALOMBINI *et al.*, 2010, p.256-257)

A ideia de fazer o texto individual ser revisto pelo grupo possibilitou que os diferentes participantes da oficina contribuíssem com a reformulação ou desconstrução de algum trecho e se enxergassem como um coletivo. Os pesquisadores verificaram que a existência de um espaço onde as narrativas orais tomassem forma por meio da escrita auxiliaram na coletivização da experiência e na formação e estruturação da equipe de trabalho.

Por fim, trago três revisões sobre a escrita na área da saúde que complementam o que foi trazido pelos artigos anteriores.

Collodel Benetti e Ferreira de Oliveira (2016, p.73) analisaram artigos que trabalharam a escrita com pacientes oncológicos, com asma, com AIDS, entre outros, e reforçam a ideia de que a escrita utilizada na saúde “não se prende a habilidades literárias, nem a preocupações com a ortografia, a gramática ou a estrutura léxica”, não há também uma preocupação com o tempo ou ritmo da escrita. A única regra diz respeito à continuidade, ou seja, o sujeito deve deixar fluir os pensamentos e escrever até terminar o relato sobre o tema ou evento.

Os pesquisadores ressaltam que as narrativas escritas possuem uma maior chance do surgimento de insights devido ao encadeamento cognitivo das palavras, além do “próprio ato de mover a caneta através do papel, ou os dedos em um teclado também pode ser meditativo e relaxante” (COLLODEL BENETTI; FERREIRA DE OLIVEIRA, 2016, p.75).

De acordo com a revisão, a possibilidade de extravasamento das emoções por meio de sua expressão escrita pode ser o que leva ao efeito terapêutico, visto que, se não expressadas acabam sendo aprisionadas, gerando sintomas. Além disso, “traduzir uma experiência em linguagem é, essencialmente, uma maneira de torná-la mais visível, mais palpável, mais compreensível” (COLLODEL BENETTI; FERREIRA DE OLIVEIRA, 2016, p.68) e pode ser uma possibilidade para examinar a experiência de outros ângulos.

Destaco que a revisão de Collodel Benetti e Ferreira de Oliveira (2016) sugere atenção ao uso da escrita pois,

aqueles que não estão acostumados a se expressar tendem a escrever sobre fatos, em si, e não sobre as emoções ligadas a estes fatos. Estes indivíduos provavelmente não vão se beneficiar significativamente do poder terapêutico da escrita expressiva. Na verdade, ao reescrever os fatos, sem refletir sobre o seu envolvimento pessoal com estes, eles podem revivenciar os eventos, o que pode causar um aumento da ansiedade, sem que esta seja ressignificada, ou seja, a ansiedade não serve, neste caso, como gatilho para resolução emocional dos problemas, tornando-se apenas um desgaste. (COLLODEL BENETTI; FERREIRA DE OLIVEIRA, 2016, p.74)

Desta forma, cabe ao mediador do processo de escrita estar atento para essas situações, visando o manejo adequado de acordo com a resposta de cada um, evitando que o processo de escrita tenha um efeito danoso.

Figueiras e Marcelino (2008) também apontam a necessidade de flexibilidade no uso da escrita como ferramenta terapêutica, de forma que o indivíduo escreva para “dar sentido às suas experiências, identificando eventuais obstáculos, dificuldades e formas de resolver conflitos” (FIGUEIRAS; MARCELINO, 2008, p. 328).

Segundo Hockemeyer, Smyth & Anderson (1999), citado por Figueiras e Marcelino (2008, p.328), os indivíduos podem sentir, imediatamente após a escrita, o aumento de sintomas físicos e sentimentos negativos, mas estes efeitos de curto prazo, parecem não colocar a saúde dos participantes em risco, ou ser prejudicial a longo prazo.

No entanto, os efeitos positivos são inegáveis e podem ocorrer pois, o uso de uma estrutura linguística, ao se traduzir as experiências traumáticas, “promove a assimilação e compreensão do evento” (FIGUEIRAS; MARCELINO, 2008, p.329) o que pode “aumentar a capacidade de auto-reflexão, e a organização da perspectiva do próprio sobre os eventos, em contraste com a simples revelação de sentimentos e emoções de forma espontânea” (FIGUEIRAS; MARCELINO, 2008, p.328).

Por fim, Paiva e Raserá (2012) trazem o uso de cartas como forma complementar de tratamento para diferentes situações de saúde - abuso sexual, distúrbios alimentares, experiências traumáticas, etc. E descrevem que as cartas podem ser utilizadas de três formas: “1) o paciente que escreve cartas seja para si, para outras pessoas ou para determinado objeto; 2) o terapeuta e o paciente que escrevem entre si; e 3) o terapeuta que escreve cartas para o paciente” (PAIVA; RASERA, 2012, p.194).

Segundo os autores “as cartas são mais literárias do que diagnósticas, mais expõem situações e possibilidades do que explicam algo” (PAIVA; RASERA, 2012, p.197) e, por organizarem as histórias individuais de forma sequencial e contínua, podem proporcionar uma coerência aos fatos, que ajudaria na organização mental da situação que é abordada.

Diferente dos demais artigos, Paiva e Raserá (2012) trazem um olhar sobre os benefícios da escrita para o profissional que promove as intervenções em saúde. Segundo eles, “ao redigir a carta, o terapeuta tem a oportunidade de se questionar se existem outras alternativas nas quais ele poderia coordenar suas ações” (PAIVA; RASERA, 2012, p.198), ou seja, permite uma reflexão sobre o seu próprio fazer.

As pesquisas analisadas e descritas neste estudo permitem melhor compreensão das formas de uso da escrita, suas estratégias de implementação, a contextualização das situações que levaram a necessidade deste tipo de metodologia de trabalho e alguns resultados importantes.

A escrita terapêutica é uma atividade não escolar que pode ser realizada por qualquer sujeito que consiga ter um domínio, mesmo que básico, da escrita, e que deseje expressar suas emoções, sentimentos e vivências. É uma forma de aprimorar o conhecimento de si, de melhorar a organização do pensamento e treinar a escrita, ou seja, é uma forma de aprimorar saberes e de reconhecer-se enquanto sujeito de histórias e de cultura.

Analisar estas atividades não escolares é um modo de se aproximar das experiências e práticas de letramento dos e das estudantes da EJA, o que permite resgatar e valorizar tais saberes. O diálogo entre o escolar e o não escolar é um dos pilares político-pedagógicos da Educação de Jovens e Adultos e, nesse sentido, conhecer as diferentes formas a partir das quais as pessoas usam a leitura e a escrita no cotidiano é importante para identificar estratégias e procedimentos metodológicos adequados à EJA.

7 METODOLOGIAS NA EJA: FERRAMENTAS DE ESCRITA

O domínio da escrita, assim como o da leitura, faz parte dos objetivos do ensino formal e possui um papel de destaque nas práticas sociais, sendo assim, ferramentas de ensino que promovam aprendizagens significativas são essenciais para atingir estes objetivos.

As pesquisas coletadas tratam sobre intervenções educacionais relacionadas ao letramento na Educação de Jovens e Adultos, com enfoque na promoção da escrita e, para melhor exposição dos achados serão apresentadas as estratégias de ensino de acordo com o gênero textual e/ou portador textual utilizado na intervenção.

O estudo realizado por Pinto e Lima (2019) desenvolveu o uso do gênero discursivo relatório com uma turma da EJA profissionalizante do Rio Grande do Norte, visando a posterior prática social deste gênero.

A intervenção utilizou 20h aula da disciplina de língua portuguesa para elaboração de dois relatórios de aula prática das disciplinas técnicas. Anteriormente à escrita, os alunos realizaram a leitura e análise textual de diferentes tipos de relatórios para melhor compreensão do gênero. Além disso, foram orientados com relação a organização prévia dos dados que fazem parte da estrutura de um relatório: “fazer anotações durante a aula prática, registrando os materiais utilizados pelo professor, os experimentos e os resultados do experimento” (PINTO; LIMA, 2019, p.254).

Após a elaboração do relatório foi estimulada a revisão dos textos, inclusive de forma coletiva, “fazendo com que os alunos mobilizassem os conhecimentos já adquiridos sobre o gênero praticado” (PINTO;LIMA, 2019, p.255). Os autores destacaram a importância da mediação pedagógica para auxiliar na mobilização dos conhecimentos e na reflexão realizada sobre a escrita.

A pesquisa mostrou também que, “apesar dos alunos terem consciência que o estilo a ser utilizado nas produções deveria refletir a variedade padrão da língua portuguesa, a maioria deles não conseguiu atender essa especificidade” (PINTO; LIMA, 2019, p. 262), ou seja, os alunos apresentaram dificuldades no uso da norma culta da língua materna.

Outra intervenção, realizada por Oliveira (2018), focalizou a escrita enquanto processo de interação e de mobilização social e utilizou a proposta de elaboração do

gênero textual argumentativo carta aberta para desenvolver a produção escrita de uma turma de alunos da EJA do estado da Paraíba.

A sequência didática abrangeu a apresentação do tema para a elaboração da carta aberta; uso de vídeos e reportagens sobre a temática; debates orais em grupo; apresentação e explicação sobre o gênero textual; primeira escrita da carta; reforço dos conteúdos referentes à temática e ao gênero textual; produção coletiva com o professor como transcritor; revisão da primeira escrita de forma individual e em duplas; e divulgação da carta aberta em meio digital e em diferentes locais da comunidade.

O autor ressalta a importância de não “mais trabalhar com atividades artificiais de escrita, cuja produção do aluno não desempenha nenhuma função a não ser a de pretexto para se corrigir desvios de ortografia” (OLIVEIRA, 2018, p. 29). Desta forma, o uso da carta aberta permitiu reconhecer ou estabelecer uma finalidade para as produções dos alunos, tornando a atividade de escrita mais significativa e proficiente.

Assim como no estudo de Pinto e Lima (2019), Oliveira (2018) percebeu que a maior dificuldade dos alunos não estava na estrutura e organização da escrita exigidos pelo gênero textual, mas na adequação linguística. Segundo Oliveira (2019), há uma grande influência da linguagem oral na escrita, as marcas da oralidade estavam bem presentes nas produções iniciais da carta.

No entanto, as etapas de revisão do texto e reescrita permitiram o aperfeiçoamento da escrita inicial, havendo uma redução nas inadequações. Vale destacar que a forma de avaliação dos textos seguiu uma matriz de avaliação elaborada pelo autor, ou seja, foram elencados vários critérios de análise, não apenas as relacionadas aos aspectos microestruturais (ortografia, concordância, regência, etc.).

Oliveira (2018, p.30) destaca que a produção de texto na escola normalmente é vista como uma “atividade pedagógica cumulativa, quer dizer, a quantidade de textos redigidos pelos alunos durante o ano letivo torna-se mais importante em detrimento do trabalho minucioso e planejado que o ato de escrever na verdade exige”, desta forma não há espaço para trabalhar a revisão e reescrita os textos, tarefa que se mostrou muito importante na intervenção realizado pelo autor.

O estudo de Frade (2018) investigou práticas de escrita processual na ampliação da competência de escrita de uma turma da EJA do Rio de Janeiro, para tanto, utilizou o

gênero comentário online e realizou oficinas dialogadas envolvendo recursos de planejamento e autorrevisão da escrita.

A realização das oficinas permitiu demonstrar aos alunos que o exercício da escrita não tem um caráter intuitivo, ou seja, não há necessidade de uma inspiração para desenvolver a escrita, há sim, a necessidade de um trabalho processual que envolve diferentes etapas. Segundo Frade (2018, p. 28) é importante que os alunos percebam a escrita “como processo e não produto” para acreditarem que são capazes de desenvolver as habilidades de produção de texto.

Para Frade (2018, p.102) todas as ações desenvolvidas no processo de escrita tem um valor em si mesmas, “isto é, elaborar um mapa associativo, fazer anotações ou escrever a primeira versão de um texto são todas atividades que exigem um determinado trabalho com a linguagem”, e devem ser utilizadas para avaliar a evolução dos alunos. O pesquisador sugere a elaboração de portfólio para que seja possível visualizar o percurso realizado, seja pelo professor, seja pelo próprio aluno.

A dificuldade e recusa apresentada pelos alunos no momento da revisão e reescrita de seus textos pode ter ocorrido devido à prática ser pouco explorada na escola, “justamente por se pressupor que o aluno, na condição de produtor de textos, teria dificuldades em distanciar-se do próprio texto ou em não considerar suficientemente as expectativas do leitor” (FRADE, 2018, p.41). Mas, como demonstrado por Oliveira (2018), a revisão e reescrita são etapas muito importantes do ato de escrever.

A etapa da revisão, quando realizada pelo professor, que não deve ter enfoque apenas corretivo, pois este posicionamento levaria a um “apagamento dos sujeitos e do próprio texto” (FRADE, 2018, p.31) e contribuiria com o receio dos alunos em relação a qualidade e o valor de suas próprias ideias.

Visando potencializar as habilidades de leitura, compreensão e escrita, Sousa e Rolim (2018) utilizaram os gêneros jornalísticos e propuseram a elaboração de uma revista escolar em uma turma da EJA do estado da Paraíba.

As atividades desenvolvidas foram realizadas nas aulas de língua portuguesa e abrangeram a apresentação do projeto de intervenção; observação e debate sobre o suporte - revista; realização de leituras e análises dos gêneros escolhidos; roda de

conversa para seleção dos temas; produção textual; reescrita dos textos; produção e diagramação da revista escolar; e apresentação da revista para a comunidade.

Segundo os pesquisadores, “foi de extrema relevância trabalhar com as leituras e mediações orais e produções em coletivo, onde o aluno pôde comparar seu olhar para o texto com outros olhares” (SOUSA; ROLIM, 2018, p.6), percebendo as diferentes visões de mundo e a compreensão de que o texto possui diferentes significados para cada indivíduo.

Sousa e Rolim (2018, p.2) atentam também para a importância de promover no aluno a percepção do “texto como um ato enunciativo de caráter social muito mais do que normativo”, ou seja, da escrita como uma forma de linguagem, de comunicação, de expressão e não apenas como tarefa escolar a ser cumprida para ser corrigida.

Outra metodologia utilizada na EJA foi pensada por Souza (2018, p.16), que optou por utilizar uma “proposta de atividades com práticas de letramentos a partir de uma abordagem colaborativa entre todos (aluno-aluno,aluno-professor)”. Desta forma, utilizou o fanzine como suporte para o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita. A definição de fanzine,

ou apenas zine é uma publicação artesanal e alternativa que se caracteriza por apresentar um caráter libertário e pelas marcas expressivas de autorialidade, por não ser determinado por metodologias estruturadas e expor conteúdo “espontâneo”, esse gênero textual possibilita aos seus autores publicarem o que querem e/ou pensam (SOUZA, 2018, p.15-16)

A proposta de intervenção foi realizada em três etapas: a primeira consistiu em um momento de leitura compartilhada e individualizada acerca da importância do estudo e aprendizado; a segunda etapa promoveu a produção inicial por meio da organização de um portfólio individual contendo suas ideias, vivência e opiniões expressas de diferentes formas (desenho, colagem, texto); a terceira etapa consistiu na elaboração efetiva dos fanzines, em duplas, por meio da escrita, montagem e revisão da produção. O fechamento da atividade consistiu na circulação dos fanzines na própria turma e na disponibilização dos mesmos no acervo da biblioteca.

Este tipo de produção textual permitiu a construção das marcas de autoria dos alunos, por meio da escrita criativa e crítica e, para a pesquisadora, "a autoria de textos

possibilita a construção de aprendizagem significativa na qual os discentes expressam sentimentos e opiniões” (SOUZA, 2018, p.22). Além disso, a escrita

passa a ser um importante instrumento de fortalecimento à voz dos muitos jovens e adultos que estão na escola e precisam romper os silenciamentos impostos pelos perversos processos de exclusão, a partir de atividades como o fanzine, por exemplo, podem-se produzir respostas aos textos que escutam e leem, possibilitando melhor expressividade oralmente ou por escrito (SOUZA, 2018, p.17)

O gênero crônica apareceu como estratégia de intervenção na EJA de uma escola estadual de Alagoas. Pimentel (2018, p.9), buscou “o desenvolvimento da competência escrita dos alunos, a partir das etapas de revisão, planificação, textualização e reescrita de textos”.

A metodologia utilizada propiciou o reconhecimento e compartilhamento do gênero textual; o planejamento e a produção das crônicas, além de sua exposição no mural da escola. E esse percurso permitiu verificar o avanço na escrita dos alunos, mesmo que, inicialmente, muitos tenham resistido à realização da tarefa, desagrado verificado também no estudo de Frade (2018), pois o ato de “escrever requer esforço e prática” (PIMENTEL, 2018, p.82).

“O gênero discursivo crônica foi escolhido por se tratar de narrativas curtas e criativas, que refletem sobre o cotidiano e aborda diversas temáticas com a utilização do humor, lirismo, ironia ou crítica” (PIMENTEL, 2018, p.10). Ou seja, um gênero textual que permite falar sobre inúmeros assuntos e que mostra aos alunos que situações de vida corriqueiras merecem ser olhadas com atenção pois podem render ótimos textos para serem compartilhados.

Pimentel (2018) destaca que os alunos, ao realizarem a tarefa de escrita de forma mecânica, sem reflexão, planejamento ou sem uma finalidade, acabam não se percebendo em seus próprios textos, desta forma, escrever passa a ser uma atividade sem sentido prático e pouco realizada fora do espaço escolar.

Segundo a pesquisadora, o uso de bilhetes orientadores anexados ao texto foi uma boa estratégia de mediação para a reescrita dos textos, e permitiu aos alunos aperfeiçoar as produções finais. Para Pimentel (2018, p.32) “seria mais eficaz se nossos

alunos escrevessem para ser lidos e não para ser apenas corrigidos”, pois isso poderia levar a uma maior tranquilidade e interesse nos momentos de escrita.

A intervenção realizada por Silva (2021) utilizou a oficina de leitura literária e escrita com intenção artística em uma turma da EJA da rede estadual do Rio Grande do Sul, com objetivo de trabalhar o letramento literário.

A oficina utilizou a carga horária de duas horas/aula sendo um encontro por semana e, visto o tempo de contato reduzido, foi criado um grupo de *Whatsapp* onde foram solicitadas tarefas e solucionadas dúvidas dos alunos. O gênero de escrita selecionado para trabalhar o letramento literário foi o miniconto.

Na oficina literária foram sugeridas leituras do gênero adotado para intervenção, tarefas de escrita individual; escrita colaborativa com uso *Google Drive* e criação de e-book (incluindo a arte gráfica, elaborada na ferramenta *Canva*) que foi compartilhado com a comunidade escolar e nas redes sociais.

Os resultados da pesquisa de Silva (2021) apontaram que o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), neste caso a aplicativo *Whatsapp*, teve um efeito motivador para a realização da intervenção, pois, além de ser uma ferramenta muito utilizada pelos alunos da EJA, permitiu maior proximidade entre a pesquisadora e os alunos, facilitando a mediação.

Outro dado importante, que corrobora com o estudo de Pimentel (2018), diz respeito ao endereçamento do escrito, ou seja, os alunos, ao saberem que os minicontos seriam compartilhados em outros ambientes na forma de *e-book* e teriam leitores reais, mostraram-se mais motivados, interessados e atentos à execução das atividades propostas.

Os alunos da pesquisa de Silva (2021, p.67) “apontaram que a leitura e a escrita são hábitos que demandam muito tempo e são práticas de difícil execução”, mas que o estímulo por meio da oficina desenvolveu maior interesse pela leitura, levando a busca espontânea da mesma, não “apenas por exigência de alguma atividade escolar” (SILVA, 2021, p.82).

Por fim, a pesquisadora destaca que “a escrita do texto possibilitou a expressão dos saberes, porque, ao escrever, a/o autora/autor-estudante utilizou o conhecimento

adquirido com suas experiências pessoais” (SILVA, 2021, p.87), ou seja, a escrita dos minicontos também foi uma forma de “expressão da subjetividade” (SILVA, 2021, p.78)

As próximas pesquisas descritas se referem ao mesmo gênero textual, a autobiografia, e mostram diferentes formas de abordagem na Educação de Jovens e Adultos.

O estudo de Bersi (2020) realizou uma proposta de intervenção com uso de blog em atividades de letramento com alunos da EJA de uma escola estadual de São Paulo. Segundo ele, devido à crescente expansão das tecnologias digitais, é necessário que se utilizem estratégias de letramento digital para além do investimento nas práticas de letramento ‘tradicional’.

Os alunos foram estimulados a produzir textos autobiográficos e publicá-los em um blog, mas tomou-se o cuidado de promover a reflexão acerca dos aspectos éticos relacionados à publicação de informações no meio virtual. O exercício da escrita foi trabalhado ao longo da intervenção, o conteúdo escrito em papel passava por uma correção prévia antes da digitação e publicação.

Para trabalhar as publicações no blog foram realizados encontros dialogados visando incentivar a autonomia dos alunos, pois as dificuldades de uso das tecnologias digitais acentuaram a necessidade de mediação do processo.

Bersi (2020, p.44) sugeriu a “autobiografia como estratégia para a emancipação, estimulando a reflexão crítica sobre a realidade, a pronúncia de mundo e o reconhecimento de sua própria história enquanto ser social e cultural”. Desta forma, foram elaboradas crônicas, poesias, cartazes, entre outros, que tratavam sobre as histórias de vida e estes produtos foram publicados no blog. “Foram estimuladas as interpretações dos sujeitos sobre suas próprias vivências, valorizando o perfil e reforçando a identidade dos sujeitos” (BERSI, 2020, p.54).

O autor observou que o uso da ferramenta blog tornou-se um “espaço de socialização, de diálogo horizontal, de fala entre iguais e instância de aprendizagem pautada pela produção de sentidos e negociação de significados” (BERSI, 2020, p.79). E que os alunos foram “mais criteriosos ao escrever e preocupados com a qualidade de suas produções, reconhecendo-se enquanto autores, tendo como interlocutores seus leitores na internet e comunidade em geral” (BERSI, 2020, p.107). Além disso, com a

proposta de uso do gênero autobiografia o pesquisador percebeu uma grande carga emocional nas publicações realizadas.

Outro ponto importante, já descrito por Pimentel (2018) e Silva (2021), diz respeito à necessidade dar um sentido para o que é escrito, ou seja, uma finalidade para além da correção. Os alunos compreenderam que, ao falar sobre suas vidas, poderiam motivar e inspirar outras pessoas e essa noção da funcionalidade da escrita promoveu maior engajamento nas atividades propostas durante a pesquisa.

Ferreira e Camargo (2021) trabalharam a narrativa autobiográfica em oficinas poéticas com um grupo de mulheres da EJA de uma escola pública de São Paulo. As oficinas-poéticas realizadas trataram da temática da condição da mulher, utilizaram materiais culturais para auxiliar na reflexão e diálogo sobre o assunto, e propuseram a elaboração de textos sobre as histórias de vida destas mulheres.

Nos resultados obtidos as pesquisadoras salientam a “relevância das oficinas-poéticas enquanto possibilidade metodológica para os processos educativos na EJA, em que se considera a partilha de vida e poesia um ato de emancipação intelectual” (FERREIRA; CAMARGO, 2021, p.4).

Outro estudo que enfoca as mulheres da EJA foi realizado por Souza (2020), em uma escola de Minas Gerais. A intervenção pedagógica utilizou a autobiografia como forma de analisar os processos de alfabetização e letramento das alunas.

Foram realizadas, em sala de aula, leituras de biografias e obras de escritoras negras; discussão sobre os textos e temas; apresentação do gênero literário autobiografia aos alunos e, posteriormente, “cada um recebeu um caderninho, no qual foram orientados a elaborar seus textos autobiográficos” (SOUZA, 2020, p.31) dando “ênfase às questões ligadas à educação, relatando o motivo pelo qual interrompeu e retomou os estudos” (SOUZA, 2020, p.41). Ao final da intervenção os textos elaborados compuseram um livro.

A pesquisadora demonstra, assim como em outros estudos, a importância da revisão e da reescrita na produção de textos, e ressalta que é preciso ajudar os alunos neste processo, mas não focando apenas em correções ortográficas e sim, na compreensão de que a escrita é uma forma de expressão e que precisa ser planejada de forma a permitir que a intenção do autor seja captada pelo leitor.

Souza (2020, p.109-110) considera que

o trabalho de memória elaborado pelos educandos e educandas da EJA não se constitui em buscar fatos e experiências do passado e trazê-los para o presente, mas sim, em um trabalho de efetuar uma releitura desses fatos e experiências e narrá-los sob seus pontos de vista no momento presente.

Desta forma, ao olharem para suas trajetórias de vida e colocá-las no papel conseguem se enxergar como sujeitos históricos. Aqui é importante dizer que nas autobiografias não foi utilizado apenas a linguagem escrita, mas também “outros tipos de comunicação, tais como, desenhos, fotos e colagens que também apresentavam informações importantes sobre eles” (SOUZA, 2020, p.74).

Siqueira Marques (2021) utilizou o gênero autobiografia como uma estratégia para o desenvolvimento da competência linguística dos alunos da EJA de uma escola de São Paulo, e como uma forma de reconhecer a realidade dos estudantes.

A sequência de atividades proposta na pesquisa teve como objetivo a produção das escritas autobiográficas, mas sem deixar de lado os aspectos da oralidade e leitura. Foram realizadas rodas de conversa para apresentação do gênero que seria utilizado; a escrita dos textos foi realizada de forma individual e coletiva; e foram desenvolvidas as etapas de análise e reescrita dos textos. A escrita coletiva foi realizada por meio do aprimoramento do texto de uma aluna, visando melhorar a forma de expor as ideias sobre sua história de vida, este exercício foi feito de forma dialogada com a turma.

A pesquisadora observou que muitos alunos tiveram dificuldades na escrita devido à “falta de repertório vocabular para dizer o que se pensa” (SIQUEIRA MARQUES, 2021, p.110), além disso, “falar de si implica pensar no que o outro vai pensar de mim. Muitas vezes, o medo de falar pode demonstrar a vergonha por acreditarem que não possuem um repertório que possa interessar ao outro” (SIQUEIRA MARQUES, 2021, p.107).

Outro ponto observado diz respeito à necessidade de que a linguagem escrita seja precisa. Alguns alunos não conseguiram perceber, em sua primeira escrita, a importância de dar mais informações, de contextualizar, de utilizar elementos que pudessem expressar o que gostariam de transmitir. Desta forma, o trabalho de revisão e reescrita foi importante para reforçar essa necessidade.

Siqueira Marques (2021) refere que o movimento de escrever sobre as vivências permitiu o exercício da autoria e, para além disso, ao contar suas histórias puderam perceber as diferentes culturas e as diferentes formas de enxergar o mundo, essa visão ampliada também foi verificada no estudo de Sousa e Rolim (2018). A escrita, ao ser compartilhada adquire outro significado para os alunos, passa a ser planejada e estruturada “a partir do entendimento que o leitor possa a vir a ter do texto escrito”. (SIQUEIRA MARQUES, 2021, p.141).

A pesquisadora, em sua avaliação sobre as produções, considerou “todas as manifestações linguísticas dos alunos, tanto as verbais como as não-verbais: olhares, posturas, expressões faciais e os silenciamentos” (SIQUEIRA MARQUES, 2021, p.54), para ajudar a mudar a percepção dos alunos acerca do ato de escrever, que era visto como uma forma de avaliar a memorização das normas cultas e não como forma de expressão do pensamento e de interação social.

Por fim, trago algumas considerações elencadas por González-Monteagudo (2020) quanto às metodologias biográficas no espaço educacional. Em seu artigo, o pesquisador “explora a descrição e o uso de histórias de vida, autobiografias e ferramentas narrativas em contextos educacionais adultos formais e informais, apontando suas implicações sociológicas, antropológicas e pedagógicas” (GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, 2020, p.1).

De acordo com a pesquisa, é possível perceber o potencial destas metodologias no que tange a uma aprendizagem significativa, baseada nas dimensões afetivas, emocionais e interpessoais como foco de intervenções pedagógicas.

A “autobiografia treina habilidades de observação, pesquisa e documentação” (GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, 2020, p.16), o que torna o processo educativo mais maduro, organizado, contextualizado e interessante. “A autobiografia é um caminho fácil para provocar o debate sobre cultura, educação, novas tecnologias, identidade pessoal e coletiva, valores, conteúdos e métodos pedagógicos” (GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, 2020, p.16).

São inúmeras as formas de promover a aprendizagem por meio da autobiografia, podendo ser utilizadas estratégias das diferentes dimensões: “oralidade, escrita,

expressão teatral e corporal, criação artística com materiais ou instrumentos específicos” (GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, 2020, p.10).

O pesquisador destaca que a escola precisa estar atenta às demandas dos alunos da EJA de forma a trabalhar com suas realidades e inquietações, do contrário, os alunos perdem a motivação para aprender. Neste sentido, investir nas produções autobiográficas pode ser uma forma de garantir um processo de ensino-aprendizagem realmente efetivo, ou seja, que ofereça aos alunos a possibilidade de mudarem o rumo de suas histórias.

As intervenções descritas utilizaram formas diferenciadas de abordar o trabalho de alfabetização e letramento com os alunos da EJA, seguindo o que é preconizado para o ensino nessa modalidade, ou seja, “levando em consideração suas vivências como agentes inseridos no meio social que já trazem consigo vários conhecimentos” (ANDRADE; ASSIS, 2020, p. 144), e contribuíram para alcançar uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

8 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados pretende identificar as intersecções entre o uso da escrita terapêutica e as metodologias de alfabetização e/ou letramento na EJA, apontando as potencialidades e as limitações desta prática de escrita dentro do contexto escolar.

O primeiro fator que precisa ser levado em consideração diz respeito à necessidade de se olhar para a bagagem que cada estudante da EJA leva até o espaço escolar, pois, embora o espaço escolar “seja o local de sistematização do conhecimento, não é o único responsável pela formação educacional dos/as jovens, adultos/as e idosos/as” (GARCIA, 2021, p. 317).

Partindo dessa constatação, podemos olhar para a escrita terapêutica através de dois questionamentos: se estudantes da EJA já fazem uso da escrita terapêutica em seu cotidiano, quais seriam as contribuições desta prática para o ensino formal? Por outro lado, se estes homens e mulheres apresentam dificuldades na expressão da linguagem escrita, de que forma a escrita terapêutica poderia auxiliar na aprendizagem deste sujeito? Poderia ser utilizada como intervenção pedagógica?

Para tentar responder a estes questionamentos precisamos pontuar que os resultados do uso da escrita terapêutica na área da saúde oferecem indícios de alterações nos componentes orgânicos relacionados ao estresse dos indivíduos, promovendo mudanças cognitivas e emocionais (LIMA; FORTIM, 2015) permitindo “dar sentido às suas experiências, identificando eventuais obstáculos, dificuldades e formas de resolver conflitos” (FIGUEIRAS; MARCELINO, 2008, p.328).

Em outras palavras, o sujeito que se utiliza da escrita para expressão emocional, diante de situações traumáticas ou desconfortáveis, consegue processar e compreender o que sente levando a melhorias no estado de saúde. Essa melhor compreensão se daria de duas formas, uma devido a estrutura linguística utilizada para expressão escrita dos pensamentos contribuir para uma organização mental; e a outra pela possibilidade de rever e reler o que foi registrado, podendo dar novos significados para as situações/emoções vividas.

Portanto, estudantes que já fazem uso da escrita terapêutica no espaço não escolar levam em sua bagagem uma capacidade de expressão mais acentuada o que,

como apontado por Siqueira Marques (2021), é muito importante, pois a falta de um repertório vocabular, ou seja a dificuldade de dizer e escrever o que pensa, é vista como fator negativo diante das propostas de intervenção pedagógica com escrita de textos.

Ainda nesta bagagem, estes homens e mulheres levam uma melhor construção de sua subjetividade, pois a prática da escrita terapêutica estimula a ocupação de um novo lugar discursivo ao assumir o papel de autoria (GROHS, 2009; TFOUNI *et al.*, 2008), ou seja, cada indivíduo assume uma posição de protagonista da sua história e passa a enxergar-se como alguém que possui “um repertório que possa interessar ao outro” (SIQUEIRA MARQUES, 2021, p. 107), diminuindo o medo e a vergonha de expressar-se de forma oral ou escrita, o que pode contribuir para seu processo de aprendizagem escolar.

Outro item presente na bagagem de estudantes da EJA que já utilizam a escrita terapêutica em seu cotidiano - e que pode contribuir para o ensino escolar - diz respeito à mobilização “tanto dos elementos sensório-motores ligados a experiência de tradução de pensamento em escrita, quanto dos elementos psíquicos ligados à própria tarefa de escrever” (NASCIMENTO, 2021, p.5). Como destaca Pimentel (2018), o ato de escrever requer esforço e prática; portanto precisa ser treinado de forma constante, tanto do ponto de vista mecânico/motor quanto do ponto de vista cognitivo, e ter o hábito de escrever fora da escola garante um maior preparo para as demandas escolares.

Ainda nesta linha, podemos ressaltar que a escrita terapêutica não está focada nas habilidades de escrita - ortografia, gramática, estrutura textual, nem no tempo de elaboração dos materiais escritos, o que permite uma fluidez maior dos pensamentos, e maior facilidade para encontrar formas de se expressar (COLLODEL BENETTI; FERREIRA DE OLIVEIRA, 2016; BIALER, 2015). A falta de regras rígidas permite maior aproximação com a escrita, pois não existe o medo de errar, e esse fator pode ser crucial para que o aluno, já habituado a escrever, se sinta mais à vontade quando é colocado diante de tarefas escolares que exijam a habilidade de escrita, diminuindo as recusas na realização das tarefas.

Nesta análise inicial, que se refere às contribuições do uso da escrita terapêutica no ensino formal, é possível perceber que o aluno precisa ter um bom domínio da escrita. Mesmo que não esteja preso às exigências gramaticais, precisa atender minimamente a

critérios de objetividade e clareza na construção do texto, tornando-o compreensível. Do contrário, não terá efeito terapêutico, pois é necessário que compreenda a própria escrita ao revisitar as experiências vividas em uma posição de leitor, ou seja, com certo distanciamento do fato descrito. Se o sujeito escreveu sobre suas vivências, emoções e sentimentos, mas não conseguiu atingir um nível de coesão textual em sua escrita, poderá ter dificuldade em compreender o que de fato queria ter dito, prejudicando o processo de ressignificação tão importante no processo da escrita terapêutica.

O distanciamento do próprio texto é visto como um movimento importante também no espaço escolar, pois existe uma necessidade de afastamento, de mudança de posição - de autor para leitor; para que os alunos compreendam a escrita em sua função primordial, de comunicação e interação social (FRADE, 2018).

Diante deste olhar, poderíamos pensar a escrita terapêutica como uma estratégia utilizada apenas por pessoas que já tenham um nível de aprendizagem mais elevado, sendo assim, a segunda parte desta análise pretende refletir se existe alguma possibilidade e viabilidade de utilizar a escrita terapêutica como ferramenta auxiliar na alfabetização e/ou letramento dos sujeitos com dificuldades de aprendizagem; e de que forma poderia ser implementada na formação dos alunos da EJA.

A escrita terapêutica ressalta a necessidade de processos de mediação para atingir os objetivos esperados com o ato de escrever na área da saúde (BARTHO; UYENO, 2015; MARCELINO; FIGUEIRAS, 2012; TFOUNI *et al.*, 2008). Nas intervenções dos estudos na área da educação também foi evidenciada a importância de mediar o ato de escrever (BERSI, 2020; FRADE, 2018; PIMENTEL, 2020; PINTO; LIMA, 2019; SILVA, 2021). Essa mediação é vista como uma forma de dar suporte ao sujeito que escreve, ajudando-o a lidar com as dificuldades que surgem no processo de escrita ou de ressignificação dos eventos traumáticos; auxiliando na organização das ideias e da estrutura dos textos; promovendo debates e reflexões; e motivando o uso da escrita como forma de expressão.

O olhar da mediação na escrita terapêutica não é um olhar de correção, de dar nota, mas é uma forma de estar aberto ao que o sujeito apresenta e, a partir disso, buscar aprimoramentos.

A intervenção pedagógica realizada por Pimentel (2018), com uso do gênero crônica, demonstrou que uma boa estratégia de mediação, neste caso, o uso de bilhetes orientativos ao final do texto, só é eficaz quando os alunos conseguem perceber que o professor leu suas produções, deu importância ao conteúdo, não apenas as questões gramaticais. Frade (2018, p.31) reforça essa ideia ao refletir que o enfoque na correção leva a um “apagamento dos sujeitos e do próprio texto” (FRADE, 2018, p.31) e contribui para o afastamento dos alunos das atividades de escrita.

Estes dados mostram uma convergência entre a escrita terapêutica e as propostas pedagógicas, destacando a importância do texto produzido ter uma finalidade para além da correção dos erros (BERSI, 2020; OLIVEIRA, 2018; PIMENTEL, 2018; SILVA, 2021), mostrando aos alunos sua importância social como forma de expressão e de comunicação.

Uma forma encontrada pelos autores, de oferecer maior sentido para a produção escrita, diz respeito ao seu compartilhamento. A escrita, ao ser compartilhada, passa a ser mais valorizada pelos alunos, que buscam planejar e estruturar suas produções textuais “a partir do entendimento que o leitor possa vir a ter do texto” (SIQUEIA MARQUES, 2021, p.141).

Outro ponto de convergência, entre a escrita terapêutica e as intervenções pedagógicas da EJA, se refere ao fortalecimento da voz dos sujeitos. Ao propor o uso dessa ferramenta abre-se mais espaço para que os alunos falem de si, de suas trajetórias, suas dificuldades, seus desejos; isso faz com que sejam ouvidos e valorizados (SOUZA, 2018) e que se abram para ouvir e reconhecer seus pares, ampliando sua visão de mundo (SIQUEIRA MARQUES, 2021; SOUSA; ROLIM, 2018).

Cabe destacar que a escrita terapêutica, diante desta preocupação, está mais voltada para as experiências que causam sofrimento, o que difere um pouco do que foi encontrado nas metodologias da EJA. Neste sentido, há uma maior atenção para o conteúdo da escrita que desperta emoções dolorosas para os alunos cujas histórias de vida são marcadas pela exclusão social, o racismo, o machismo e tantas outras formas de opressão.

As experiências de vida dos alunos são o material para a escrita terapêutica e para as intervenções que utilizam a escrita autobiográfica (BERSI, 2020; FERREIRA;

CAMARGO, 2021; GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, 2020; SIQUEIRA MARQUES, 2021; SOUZA, 2020), e podem ser a fonte de informações para as produções escritas dentro do espaço escolar. Quando entendemos a escrita como um processo e não com um produto, fica mais fácil de perceber a importância de se trabalhar com o que já é comum aos alunos, para depois avançar para caminhos menos conhecidos por eles, como destaca Poubell e Souza (2012, p.159), “utilizando as dimensões da linguagem que dominam e auxiliando-os na apropriação de outras capazes de fazer ecoar suas vozes, seus corpos e suas mentes”.

Ainda neste sentido, Frade (2018) trabalhou com intuito de fazer os alunos perceberem que podem desenvolver as habilidades para a produção de textos, que não há uma necessidade de uma ‘inspiração’ ou dom, e sim um trabalho processual que envolve várias etapas - “planejamento a partir do conhecimento de mundo e da leitura, a criação de materiais de referência, a construção de parâmetros orientadores, a produção escrita e a revisão” (FRADE, 2018, p. 5).

Oliveira (2018) também trabalhou com a escrita processual e destaca que, muitas vezes, a produção de textos no espaço escolar é vista como cumulativa, ou seja, a quantidade de textos seria mais importante do que a qualidade dos mesmos, fazendo com que o professor e os alunos estejam menos atentos ao “trabalho minucioso e planejado que o ato de escrever na verdade exige” (OLIVEIRA, 2018, p.30).

Esse olhar quantitativo foi descrito por Wittke (2019) como uma ação onde

Redigir um texto consistia em uma atividade árdua em que o aluno deveria se postar diante da folha em branco e escrever sobre um assunto que, muitas vezes, não tinha praticamente nada a dizer, por ser uma escolha do professor e não sua. Além disso, não tinha a oportunidade de se informar sobre o tema antes de se pronunciar sobre ele.

Não ter o que dizer, ou não ter tempo para aprofundar o tema e depois escrever, faz com que os alunos se afastem da linguagem escrita, seja ela escolar ou não escolar. Sendo assim, propor e promover a escrita com seu enfoque terapêutico pode favorecer a produção textual, pois a bagagem do aluno seria utilizada como fonte de informações, promovendo uma escrita mais qualificada, devido ao maior conhecimento e propriedade sobre os assuntos que serão expressados na linguagem escrita.

Além disso, o professor, ao possuir maior conhecimento sobre as trajetórias dos sujeitos da EJA, pode repensar seu planejamento, dando mais ênfase às reais necessidades dos alunos e propondo intervenções que sejam mais contextualizadas.

O enfoque da escrita terapêutica é escrever sobre questões que são significativas para os sujeitos, assuntos ou temas que lhes causam inquietações ou que são importantes em suas vivências. A tradução do pensamento em escrita é o objetivo dessa ferramenta, sendo assim, se os alunos forem incentivados a escrever sobre o que pensam e sentem podem ter menos resistência e mais conteúdo para realizar as produções de texto.

A verificação dos avanços de aprendizagem também é um ponto de convergência entre a escrita terapêutica e as estratégias pedagógicas. Se pensarmos no uso de um diário, por exemplo, é possível que o aluno consiga perceber a diferença em sua trajetória ao observar os primeiros e os últimos relatos, tanto avanços na expressão escrita quanto avanços em seu autoconhecimento e em sua forma de lidar com as situações de vida. Cabe destacar que o olhar sobre o desenvolvimento do eu, do autoconhecimento, é um aspecto mais específico da escrita terapêutica, não sendo verificado ou destacado nos estudos referentes às metodologias de ensino na EJA.

Outra contribuição mais específica da escrita terapêutica, se utilizada como ferramenta pedagógica, diz respeito ao desenvolvimento socioemocional, necessário para uma formação integral dos sujeitos.

A EJA configura-se como uma modalidade de ensino da educação básica com especificidades próprias no contexto da aprendizagem da leitura e da escrita, no qual seus profissionais lidam com os sujeitos e as suas marcas historicamente construídas. Na alfabetização, essas marcas se materializam em discursos da não-competência, oriundos da baixa autoestima que, por sua vez, acabam por produzir tempos desperdiçados nos quais a aprendizagem poderia ocorrer. (POUBELL; SOUZA, 2022, p.146-147).

E essas marcas podem ser grandes empecilhos para a aprendizagem se não forem trabalhadas ao longo do percurso escolar. As dificuldades de acesso ou permanência escolar estão, muitas vezes, associadas a circunstâncias socioeconômicas, culturais e de saúde, que acabam gerando situações de exclusão, humilhação, baixa estima e culpabilização.

Muitas vezes os alunos da EJA “acabam se sentindo culpados pelo próprio fracasso escolar” (ANDRADE; ASSIS, 2021, p.155) e podem acreditar que não conseguirão adquirir e produzir os conhecimentos necessários para a escolarização e para a vida profissional. Desta forma, incentivar que escrevam sobre suas trajetórias de vida permite que enxerguem os fatores externos que podem ter contribuído para seu ‘fracasso’ escolar.

Algumas intervenções pedagógicas na EJA demonstraram que os alunos levam para os textos uma grande carga sentimental (BERSI, 2020; SOUZA, 2018), sendo assim, o professor precisa estar “sensível aos anseios, medos, aos desejos e às necessidades dos discentes para e na construção de um ambiente escolar afetivo favorável que contribua para o sucesso da aprendizagem” (POUBELL; SOUZA, 2022, p.152).

Escrever sobre eventos traumáticos ou que geram emoções fortes é, como colocam Figueira e Marcelino (2008), uma forma de, por meio da estrutura linguística, assimilar e compreender as situações. A escrita terapêutica, em um falar sobre si, promove o surgimento de insights devido ao encadeamento cognitivo das palavras, além do “próprio ato de mover a caneta através do papel, ou os dedos em um teclado também pode ser meditativo e relaxante” (COLLODEL BENETTI; FERREIRA DE OLIVEIRA, 2016, p.75), favorecendo a regulação das emoções e sentimentos.

Bartho e Uyeno (2015, p.56) destacam que a escrita terapêutica é uma forma de simbolizar, de “trabalhar com um resto que lhe fazia sofrer” o que pode levar a uma melhor forma de lidar com as angústias, ou seja, uma forma de dar vazão e trabalhar essa carga emocional citadas nas intervenções na EJA.

Diante de tudo o que foi colocado, utilizar a escrita terapêutica como ferramenta na prática da escrita escolar parece ter um potencial interessante para auxiliar os alunos no aprimoramento da linguagem escrita. Sendo assim, o último ponto desta análise de dados pretende sugerir possíveis formas de implementar a ferramenta de escrita terapêutica no espaço escolar, visando a formação integral dos sujeitos; a melhoria das condições de saúde; o respeito às suas histórias de vida e suas necessidades; e o alcance das demandas educacionais vigentes.

No capítulo referente à escrita terapêutica foram apontadas diferentes formas de trabalhar a expressão emocional e busca da melhoria da saúde mental por meio da

escrita - cartas pessoais e troca de cartas (BIALER, 2015; PAIVA; RASERA, 2012); diário (BARTHO; UYENO, 2015; MARCELINO; FIGUEIRAS, 2012); escrita autobiográfica (BIALER, 2015); construção de jornal (NASCIMENTO, 2021); bricolagem de palavras (OLIVEIRA, *et al.*, 2019); escrita de músicas e raps (GROHS, 2009); oficina de escrita (PALOMBINI *et al.*, 2010); bilhetes, crachás (TFOUNI *et al.*, 2008); escrita em blog (LIMA; FORTIM, 2015) - sejam elas em nível individual ou coletivo.

No espaço escolar, através das pesquisas analisadas, verificou-se intervenções pedagógicas com uso de diferentes gêneros discursivos e diferentes suportes textuais - relatório (PINTO; LIMA, 2019); carta aberta (OLIVEIRA, 2018); comentário on-line e oficina dialogada (FRADE, 2018); revista escolar (SOUSA; ROLIM, 2018); fanzine (SOUZA, 2018); crônica (PIMENTEL, 2018); minicontos (SILVA, 2021); textos autobiográficos em blog (BERSI, 2020); oficinas poéticas com narrativas autobiográficas (FERREIRA; CAMARGO, 2021); autobiografia (GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, 2020; SIQUEIRA MARQUES, 2021; SOUZA, 2020) - que promoveram a melhoria do aprendizado dos alunos.

Algumas destas intervenções pedagógicas, principalmente aquelas que utilizaram narrativas autobiográficas e a autobiografia especificamente se aproximam da estrutura e objetivos da escrita terapêutica, que poderia ser resumida em um falar sobre si mesmo, ou seja, um escrita onde as questões internas dos sujeitos são colocadas em evidência, diferente da escrita de textos onde o assunto e o enfoque são relacionados a temas sociais.

É importante ter em mente que na sala de aula da EJA os alunos são ainda mais plurais do que no ensino regular, pois há, muitas vezes uma grande diferença de idade, há também uma maior disparidade nas habilidades de leitura, escrita e interpretação. Desta forma as metodologias de ensino na EJA precisam atender a todos os alunos, dos que já escrevem de forma mais eficiente aos que estão iniciando o processo.

A escrita terapêutica pode abranger textos mais complexos, como escrita de cartas; músicas; textos para jornais/revistas; escrita em blogs; ou longos trechos em diários; mas também pequenos movimentos de escrita, como elaboração de crachás; bilhetes; recados; associação de palavras ou pequenas frases escritas com imagens, entre outros.

Talvez alguns alunos já possuam materialidades do cotidiano, em que utilizam a escrita - recados, lista de compras, registros de consultas, etc., e que podem ser elencadas para aumentar os momentos de prática da escrita estimulando, por exemplo, a escrita de um diário que inclua esses materiais, sendo uma forma de incentivá-los a manter o hábito da escrita e a perceberem a função social de comunicação e interação.

Em produções textuais mais complexas, o professor pode ser o transcritor de textos produzidos de forma oral, ou ainda, os alunos com maior domínio da escrita podem auxiliar nesta etapa. Pois o processo de escrita requer reconhecer as formas e estruturar o texto, o que pode ser feito, em um primeiro momento, de forma oral.

Esta experiência foi descrita por Tfouni e colaboradores (2008, p. 105) que trabalharam com escrita em grupo e se colocaram como “centro de organização do texto, transpondo para o código escrito aquilo que era construído oralmente pelos participantes do grupo”.

Outra forma de propor a escrita, com seu enfoque terapêutico, e usando uma necessidade real de interação, é na elaboração de cartas, podendo ser uma forma material de resolver conflitos entre professor-aluno, entre aluno-aluno, e entre o aluno e situações externas à escola.

A grande contribuição da escrita terapêutica, de acordo com a análise realizada, não está em propor uma forma, um método específico de exercitar a escrita, que pode ser feita através dos diferentes gêneros e portadores textuais, mas está no enfoque, está em olhar para as questões subjetivas dos alunos - autoconhecimento, desenvolvimento socioemocional, capacidade de adaptação; em reconhecer e valorizar suas histórias; e em utilizar as vivências como base para se trabalhar as demandas e necessidades da escolarização.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escreva. Seja uma carta, um diário ou umas notas enquanto fala ao telefone, mas escreva. Procura desnudar a tua alma por escrito, ainda que ninguém leia; ou, o que é pior, que alguém acabe lendo o que não queria. O simples ato de escrever nos ajuda a organizar o pensamento e a ver com mais clareza o que nos rodeia. Um papel e uma caneta fazem milagres, curam dores, consolidam sonhos, levam e trazem a esperança perdida. As palavras têm poder.

(Paulo Coelho)

A escrita terapêutica, conforme visto nos estudos desta revisão bibliográfica, é uma estratégia utilizada na área da saúde com objetivo de trabalhar a expressão emocional, o que leva a melhorias no processamento e compreensão das emoções/sentimentos experimentados em diferentes situações vividas. Externar o que se passa internamente é colocado como um mecanismo capaz de promover melhora na saúde e bem-estar dos indivíduos. Na área da educação, para além de construir capacidades necessárias para qualificar a escrita e o entendimento desta linguagem, é necessário contribuir para a formação integral dos indivíduos e seu reconhecimento enquanto sujeitos, lidando inclusive com as questões emocionais.

A análise de dados mostrou que o uso da escrita terapêutica apresenta benefícios que poderiam favorecer os processos educativos e que algumas intervenções pedagógicas na EJA, como o uso da autobiografia, se aproximam da estratégia de escrita utilizada na área da saúde.

Através do reconhecimento das formas e contextos de uso da escrita terapêutica, bem como das estratégias empregadas para estimular sua aplicação, foi possível responder positivamente ao questionamento que suscitou a pesquisa: a escrita terapêutica pode contribuir em uma intervenção pedagógica na EJA.

Esta análise foi realizada em nível teórico, para identificar aproximações entre campos de estudo e de intervenção prática que não costumam dialogar. Para complementar esta análise, é pertinente a realização de estudos futuros que se dediquem à aplicação prática de atividades pedagógicas que articulem referenciais teóricos da escrita terapêutica e da EJA. Assim será possível verificar as contribuições da escrita terapêutica dentro do espaço escolar.

A metodologia utilizada para este estudo restringiu o período de publicação das pesquisas voltadas às intervenções de escrita na EJA, e ficou restrita a trabalhos escritos em português, o que é um fator limitador, pois alguns estudos importantes, tanto referentes à escrita terapêutica, quanto às intervenções na EJA, podem ter sido deixados de fora.

A elaboração deste trabalho de conclusão de curso foi uma forma de suprir a necessidade aprofundamento sobre a modalidade de ensino de jovens e adultos, abordada de forma muito breve e teórica ao longo do percurso da graduação. Também foi uma maneira de aproximar a experiência de trabalho na área da saúde dos conhecimentos e habilidades adquiridos ao longo do curso de Pedagogia, pensando em formas de aprimorar e/ou implementar os processos de educação não escolar na minha prática profissional como nutricionista.

Esta pesquisa contribuiu para maior conhecimento de intervenções pedagógicas utilizadas na EJA, o que amplia e qualifica o embasamento para atuação no estágio curricular e futuramente na prática docente nesta modalidade de ensino. As reflexões realizadas auxiliaram na compreensão da importância de olhar para os espaços não escolares como fontes de inspiração para o desenvolvimento das atividades em sala de aula.

Por fim, conhecer metodologias de ensino utilizadas na EJA, que levem a aprendizagens significativas e contextualizadas, é e será sempre um tema relevante, pois as formas de aprender e ensinar estão em movimento e atreladas às mudanças da sociedade. Desta forma, a realização de pesquisas voltadas ao desenvolvimento de estratégias de ensino é recomendada. Com base no presente estudo, em específico, recomenda-se a construção e aplicação de sequências didáticas que utilizem o olhar da escrita terapêutica, de forma a confirmar as potencialidades e fragilidades da ferramenta na área escolar.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, V. B.; DE ASSIS, V. B. Apontamentos sobre o Processo de Alfabetização e Letramento na EJA: : Relatos de Alunos e Professores. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 12, p. 140-157, 27 jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47249/rba.2020.v.285> Acesso em 14 fev. 2022.
- BARTHO, V.D.O.R; UYENO, E. Y. Escrita de diários e seu potencial terapêutico em adolescentes judicialmente acolhidos. **Revista Raído**, v. 9. n. 19, 2015. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/4662> Acesso em: 15 jun. 2022.
- BERSI, R. M. **O Blog escolar em um Centro de Educação de Jovens e Adultos: a autobiografia como emancipação dos sujeitos**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, SP. 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192698> Acesso em: 28 jul. 2022.
- BIALER, M. A escrita terapêutica no autismo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v.18, n. 2, p. 221-233, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n2p221.3> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/9fT7XBXWcLMbZJMPQtbq5J/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 15 jun. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parecer CEB nº: 01/2021**. Reexame do Parecer CNE/CEB nº 6, de 10 de dezembro de 2020, que tratou do alinhamento das Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e outras legislações relativas à modalidade. Brasília, 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 12 abr 2022.
- COLLODEL BENETTI, I.; FERREIRA DE OLIVEIRA, W. O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 8, n. 19, p. 67-76, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69050> Acesso em: 20 fev. 2022.
- FERREIRA, D.S.; CAMARGO, M.R.R.M. Costurando narrativas: a experiência das oficinas-poéticas com mulheres na educação de jovens e adultos-EJA. In: ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2021. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd**. Belém, Pará: Universidade Federal do Pará, 2021. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_29_14. Acesso em: 28 jul. 2022.
- FIGUEIRAS, M.J.; MARCELINO, D. Escrita terapêutica em contexto de saúde: Uma breve revisão. **Análise Psicológica**, v.26, n.2, p. 327-334, 2008. DOI:

<https://doi.org/10.14417/ap.497> Disponível em:
<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/497/pdf> Acesso em: 20 fev. 2022.

FRADE, L. O. **Do planejamento à autorrevisão: experiências de escrita processual na educação de jovens e adultos**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFLETRAS) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:
<https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/14514/1/Luciana%20Frade.pdf> Acesso em: 27 jul. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GARCIA, E.E.B. SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A PRÁTICA EDUCATIVA. In: Bispo, S. V. de S., de Faria, E. M. da S., & Garcia, E. E. B. (2021). **Políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos: entre o ideal e o real**. Retratos Da Escola, 15(32), 305–320. <https://doi.org/10.22420/rde.v15i32.1245>

GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, J. **Técnicas biográficas para a Educação de Jovens e Adultos. Para uma formação experiencial e crítica**. Rev. Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, vol. 8, p.1-22, 2020. Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/10414> Acesso em: 28 jul. 2022.

GROHS, G.H.M. **O texto narrativo como intervenção terapêutica em problemas da linguagem escrita na adolescência**. 2009. Dissertação (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/10183/21412>. Acesso em: 19 fev. 2022.

LIMA, S.; FORTIM, I. A escrita como recurso terapêutico no luto materno de natimortos. **Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v.18, n. 4, p. 771-788, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n4p771.12> Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/7yTK9V54t7FrypNfg7wZMnd/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 fev. 2022.

MARCELINO, D. S.; FIGUEIRAS, M.J. Sintomatologia associada ao trauma após a técnica da escrita terapêutica: um estudo exploratório com bombeiros portugueses. **Psychology, Community & Health**, v.1, n.1, p. 95-107, 2012. DOI:10.5964/pch.v1i1.11 Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/1765> Acesso em: 15 jun. 2022.

NASCIMENTO, G.C. G. A experiência escrita: as potencialidades da escrita em grupo na clínica das drogadições. **Vínculo**, v. 18, n.2, p, 1-12, 2021. DOI:
<http://dx.doi.org/10.32467/issn.19982-1492v18nesp.p207-227> Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1806-24902021000200010 Acesso em 15 jun. 2022.

OLIVEIRA, J.R. **A carta aberta como instrumento de ação social: uma proposta de intervenção à luz do letramento na EJA.** 2018. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/browse?type=author&value=Oliveira%2C+Jean+Rodrigues+de> Acesso em: 10 mai. 2022.

OLIVEIRA, R.T.S; *et al.* A escrita como processo terapêutico. **Temas em Saúde**, v. 19, n. 6, p. 306-321, 2019. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2020/01/19616.pdf> Acesso em: 15 jun. 2022.

PAIVA, L. P. C.; RASERA, E.F. O uso das cartas terapêuticas na prática clínica. **Psicologia Clínica**, v. 24, n.1, p. 193-207, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652012000100013> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/d66df8rmxy9pYCrFvhVP9ww/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 jun. 2022.

PALOMBINI, A. L., *et al.* Cuidando do cuidador: da demanda de escuta a uma escrita de si. **Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v.13, n. 2, p. 253-264, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142010000200007> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/f98RB4h7PqdT86TKRXgQ4Bk/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 16 ju. 2022.

PIMENTEL, A.D.M.S. **Escrita e reescrita de crônicas por duplas de alunos da educação de jovens e adultos: os avanços quanto aos aspectos macro textuais.** 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/3290> Acesso em: 27 jul. 2022.

PINTO, M. M. D.S.; LIMA, S.C. **O ensino do relatório de aula prática na educação profissional: os efeitos de uma intervenção pedagógica na escrita de jovens e adultos.** Revista De Letras, v.1, n.2, p. 245-266, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22481/folio.v11i2.5528>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/5528> Acesso em: 27 jul. 2022.

POUBELL, V.R.; SOUZA, M.L. Eu te escuto, eu te encontro: discursos na alfabetização de jovens e adultos. In: **Educação de jovens e adultos** [recurso eletrônico] : linguagens, alfabetizações e afetos / organização Marta Lima de Souza. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2020. Disponível em: https://lieja.fe.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/11/4_EJA_linguagens_alfabetiza%C3%A7%C3%B5es_e_afetos.pdf Acesso em: 14 fev. 2022.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F.; Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira De História e Amp; Ciências Sociais**, v.1, n. 1. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351/pdf> Acesso em 16 abr 2022.

SILVA, D. K. **A leitura literária e a escrita com intenção artística no processo de letramento literário na educação de jovens e adultos-EJA.** 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Línguas) - Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2021. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/5685> Acesso em 27 jul.2022.

SILVA, R.B. **Roda de Conversa:Trabalhando temas emergentes na EJA.** 2009. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/17430>. Acesso em: 14 fev. 2022.

SIQUEIRA, MARQUES, J. C. **A Fala e a Escrita de si na Educação de Jovens e Adultos: potencialidades das situações desencadeadoras de aprendizagens no desenvolvimento da competência linguística.** 2021. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14098> Acesso em: 27 jul. 2022.

SOUSA, I.S.; ROLIM, F.J.R. A produção de revista escolar como ferramenta motivadora para a prática de leitura e escrita na educação de jovens e adultos. In: III Congresso Internacional de Educação Inclusiva, 2018. **Anais III CINTEDI.** Campina Grande, Paraíba: Universidade Estadual da Paraíba, 2018. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2018/TRABALHO_EV110_MD1_SA15_ID454_11082018165134.pdf Acesso em: 28 jul. 2022

SOUZA, A.A.A. O Fanzine na Sala de Aula: Uma Proposta de Letramento e de Marcas Autorais na Produção Escrita de Alunos da Educação de Jovens e Adultos. In: VI COGITE - Colóquio Sobre Gênero & Texto, 2018. **Anais do COGITE - Colóquio sobre Gêneros & Textos.** Teresina, Piauí: Universidade Federal do Piauí, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/ancogite/article/view/10960> Acesso em: 28 jul. 2022.

SOUZA, M.M. **A escrita autobiográfica feminina na Educação de Jovens e Adultos: subjetividade e memória.** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35527> Acesso em: 27 jul. 2022.

TFOUNI; L.V. *et al.* O caráter terapêutico da escrita: práticas de letramento em um hospital psiquiátrico. **Paidéia**, v. 18, n. 39, p. 101-110, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000100010> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/JZPRhvYc3mqN83zgwG77X9c/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 14 abr 2022.

WITTKÉ, C.I. A prática da escrita na escola: processo de produção de sentido, In: Sétimo SENALLP - Primeiro CIELLE - Primeiro SINPOL, 2019, Rio Grande. **Anais do 7 SENALLP e 1 CIELLE e 1 SINPOL.** Rio Grande: editora da FURG, 2019. Disponível